



SABERES POPULARES E EDUCAÇÃO INFORMAL: diálogos com a Educação Popular

Rivânia Souza da SILVA (UFNT - Tocantinópolis)¹
Lisiane Costa CLARO (UFNT - Tocantinópolis)²
Roberta Avila PEREIRA (UFNT - Tocantinópolis)³

RESUMO: Aborda-se nestas páginas o diálogo entre a educação informal e a produção dos saberes populares junto à Educação Popular. O presente texto é parte de um estudo que está sendo desenvolvido no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Tocantins com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e vincula-se à proposta intitulada Educação popular, ambiente e cura: a universidade e os saberes outros, vinculado ao Grupo de Estudos sobre Educação Ambiental e Sustentabilidade – GEAS e também junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Artes - GEPHEA. O estudo busca compreender como se dá a construção dos saberes populares nos espaços de educação informal, reconhecendo as possibilidades de abordar a concepção da Educação Popular. Desta forma, enquanto estrutura textual, o presente trabalho está organizado da seguinte maneira: primeiramente são tecidas algumas reflexões sobre a concepção da Educação Popular; no segundo momento, direciona-se o olhar sobre os contornos e perspectivas da educação informal. Por fim, traçam-se as considerações do estudo.

Palavras-chave: Educação Popular. Educação Informal. Saberes Populares.

1 Introdução

O presente texto é parte de um estudo que está sendo desenvolvido no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Tocantins com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e vincula-se à proposta intitulada Educação popular, ambiente e cura: a universidade e os saberes outros, vinculado ao Grupo de Estudos sobre

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia do Campus de Tocantinópolis da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em História, Educação e Artes (GEPHEA/UFNT). E-mail: rivaniauft@mail.uft.edu.br

² Professora da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), no curso de Pedagogia do Campus de Tocantinópolis, e do Programa de Pós-graduação em Ensino em Ciências e Saúde (PPGECS/UFT). Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em História, Educação e Artes (GEPHEA/UFNT). E-mail: lisiane.claro@uft.edu.br

³ Professora do curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Campus de Tocantinópolis da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em História, Educação e Artes (GEPHEA/UFNT). E-mail: robertapereira@uft.edu.br



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

Educação Ambiental e Sustentabilidade – GEAS e também junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Artes - GEPHEA.

Aborda-se nestas páginas o diálogo entre a educação informal e a produção dos saberes populares junto à Educação Popular. Mais especificamente, o estudo busca compreender como se dá a construção dos saberes populares nos espaços de educação informal, reconhecendo as possibilidades de abordar a concepção da Educação Popular.

Desta forma, enquanto estrutura textual, o presente trabalho está organizado da seguinte maneira: primeiramente são tecidas algumas reflexões sobre a concepção da Educação Popular; no segundo momento, direciona-se o olhar sobre os contornos e perspectivas da educação informal. Por fim, traçam-se as considerações do estudo.

2 Reflexões sobre a Educação Popular

Atualmente a Educação Popular tem sido palco de constantes debates, principalmente diante do contexto sócio-político vigente, Mas o que é Educação Popular, como ela surge no Brasil e por que incomoda tanta gente?

Em resposta a essa última, acredita-se que incomoda pelo fato de se opor a lógica dominante. Para Zitkoski (2017, p.75) “Por resistir a se tornar um exercício pedagógico fechado e/ou institucionalizado, a EP se torna a possibilidade prática da crítica dos sistemas hegemônicos e institucionalmente estruturados numa lógica do controle social.” corroborando com essa ideia, Pereira (2020, p.34) “a Educação Popular assume sua importância, na medida em que promove a resistência contra a opressão e a exploração, levando ao processo de libertação das camadas populares.” Assim, a Educação Popular é uma concepção de educação que se vincula a projeto de sociedade, denunciando as injustiças sociais e a estrutura desumanizante, buscando a superação das desigualdades e formas de opressão.

A educação popular constitui-se como um instrumento de conscientização e politização. Brandão e Fagundes (2016) ressaltam que a Educação Popular se revela como um movimento de trabalho político com as classes populares por meio da educação. Em consonância, Freire (1993, p. 19) entende a educação popular “como o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica [...] Em uma primeira ‘definição’ eu aprendo desse



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

jeito. Há estreita relação entre escola e vida política". Portanto, é importante frisar que a Educação Popular não é uma educação tradicional, hegemônica, verticalizada e autoritária, não se limita ao conhecimento técnico a ponto de negar os saberes dos sujeitos advindos de suas vivências e experiências.

Pautada na compreensão de educação mais solidária e horizontal, Pereira (2020, p.29,30) ressalta: "A Educação Popular é um processo de valorização do contexto, identidade, cultura e saberes que compreende outras formas de estar e conhecer o mundo, numa visão mais integral da realidade". Sendo assim, a Educação Popular estimula a produção do conhecimento e é repleta de intencionalidade.

Segundo Paludo (2015,p.220), enquanto prática educativa e campo do conhecimento, a concepção de Educação Popular "se constituiu em exercício permanente de crítica ao sistema societário vigente, assim como de contra-hegemonia ao padrão de sociabilidade por ele difundida". Portanto, há a busca por melhoria e por uma vida mais digna historicamente é uma marca forte da participação das classes populares nos movimentos sociais.

Paludo (2015) ressalta que houve a invasão, a expropriação, a exploração e a colonização do território e povo da América Latina, no princípio pelos espanhóis e portugueses, logo os ingleses chegando até os norte-americanos. Em sentido próximo, Streck (2006) destaca o processo de destruição, extermínio e a escravidão os quais fizeram parte desta construção. Isso evidencia que tais invasões destruíram as culturas indígenas e africanas, marcando a história da construção da América latina com violentos conflitos.

Streck (2006) salienta que no percurso da história, a sobrevivência fez parte da experiência de vida dos povos escravizados, de negros, dos indígenas, dos imigrantes e de populações mais pobres que ficaram à margem da sociedade em nome do progresso e da civilização, ou simplesmente da ganância das classes dominantes.

Para Streck (2006) sobreviver dentro desse cenário é uma arte e aponta para uma pedagogia pouco conhecida, isto, pelo fato de ser gerada longe da formalidade oficial, no oculto, denominada pelo autor como "pedagogia da sobrevivência". Essa pedagogia, é caracterizada por saberes que partem das necessidades de alimentar-se, curar-se, em suma, viver e pode ser entendida como uma forma de legitimar seus conhecimentos. Destaca que "os dominados aprenderam as táticas do disfarce:



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

sob a aparente aquiescência[...] mantinha-se a cumplicidade através das línguas originárias, das festas e de outros costumes." (STRECK, 2006, p.279).

Ao fazer a análise sobre estratégias pedagógicas clandestinas, o autor salienta para uma pedagogia da resistência "A história da América Latina é também uma história da resistência, e tudo o que foi dito anteriormente poderia ser descrito como uma forma de resistir à dominação" (STRECK, 2006, p.279). Fica evidente que o ato de sobrevivência é sem dúvida um ato de resistência.

Um aspecto importante ressaltado pelo autor, que nos leva a refletir sobre como se sabe pouco, no que se refere aos processos pedagógicos que acontecem e aconteceram dentro dos movimentos de resistência. E um dos fatores que favorecem para essa falta de conhecimento é o que a história oficial não contou: deixaram de fora as formas de organização e instrumentos de resistência dos índios, dos negros, dos pobres etc.

Para Paludo (2015) a educação popular se consolida nos processos de luta e resistência das camadas populares. Atrelada à educação e política, a EP enquanto concepção educativa que contribui para o processo de resistência e emancipação humana surge na América Latina.

De acordo com Streck (2006) a Educação Popular surgiu na margem da sociedade, muitas vezes abertamente contra a "educação formal", o autor ressalta que nos anos de 1970 e 1980 era costumeiro encontrar argumentos que fossem contrários ou favoráveis a uma verdadeira Educação Popular dentro do sistema escolar, posto que, a natureza controladora era vista como algo inerente à ordem institucional na qual a escola está inserida.

O autor aponta para dois fatores importantes que ajudaram a definir novos caminhos acerca da discussão sobre Educação Popular: a primeira seria a ida de Paulo Freire para a Secretaria de Educação do estado de São Paulo; a segunda estaria relacionada ao apoderamento de governantes locais comprometidos com a proposta de Educação Popular.

Desta forma, diferentemente do contexto de Ditadura Militar no Brasil, os lugares voltados à educação de caráter transformador já não estavam mais tão evidentemente delimitados "e as linhas da educação formal e não-formal tornaram-se mais permeáveis", isto significa que a educação popular já não se restringia a igrejas, sindicatos e outros grupos de caráter popular.



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

Streck (2006.p 274) aponta que a “educação popular passou, assim, a aproximar-se do lugar onde se gera o discurso pedagógico hegemônico, com todas as vantagens e com todos os riscos.”. Um dos riscos apontados pelo autor, estava relacionado à própria identidade da educação popular, as discussões feitas em relação a “refundamentação” da educação popular dava evidências que ao englobar outros espaços e práticas educacionais, acarretaria na busca por linguagens que contemplasse outras realidades. o risco seria, que ao fixa-se como educação de todos perdesse sua essência.

Seria descabido defender para a educação popular um padrão de preceitos e ideias. Pois “historicamente a educação popular não tinha como ponto de partida um único lugar, e também não tem como ponto de chegada um único projeto”. (STRECK, 2006, p.275) o ponto de partida defendida pelo autor pode ser os povos indígenas, os camponeses, as mulheres, enfim diferentes segmentos com suas lutas, formas de organização e projetos. Já o ponto de chegada, poderia ser diferentes formas, desde o crescimento de espaços dentro da sociedade já existente, ou a criação de um novo modelo de sociedade semelhante ou totalmente distinta à existente.

Envolvido em cenário de lutas, Freire fez a leitura da realidade do Brasil e da América Latina e desenha uma pedagogia que concebe diferentes abordagens filosóficas (TORRES, 1981) Assim como práticas educativas populares que aconteciam em diferentes situações. Desta forma, Freire se torna um dos principais idealizadores e motivadores da educação popular, como sendo uma das concepções de educação. (PALUDO, 2010).

É imprescindível falarmos de Educação Popular e discorrer ainda que de forma breve a trajetória daquele que dedicou a vida à educação. Paulo Freire foi um educador, escritor e filósofo pernambucano, foi e ainda é uma figura de extrema importância para a educação brasileira, sobretudo quando se trata de uma educação pautada na emancipação e transformação social.

Durante o exílio, Freire inicia sua jornada pelo mundo, percorreu mais 50 países ensinando sua concepção educativa.

Ao lado disso, tornou-se doutor honoris causa por 28 universidades, e 26 centros de pesquisas em educação recebem o seu nome em países como Brasil, Itália, Chile, Bélgica e Estados Unidos. As repercussões do pensamento do educador pernambucano podem



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

ser avaliadas na obra organizada por Moacir Gadotti, intitulada Paulo Freire: Uma bibliografia, na qual cerca de 150 autores de todas as partes do mundo comentam a sua obra (GERMANO,1997, p.391).

Em 13 de Abril de 2012 foi publicada no Diário Oficial da União A Lei nº 12.612 que passa a reconhecer o educador e filósofo Paulo Freire como patrono da educação brasileira, com isso Freire tornou-se uma figura emblemática, haja vista que seu pensamento ganhou adeptos pelo Brasil e pelo mundo.

O trabalho de alfabetização iniciado em Angico não tratava apenas de ensinar jovens e adultos a ler e escrever, mas aprender a ler seu próprio mundo através de sua cultura, no livro Pedagogia do Oprimido (1968) considerada uma das obras mais importantes de Paulo Freire, o autor tece uma crítica à educação tradicional, bancária, na qual a educação é um ato de depositar ou transferir conhecimento, pois ela acaba impossibilitando o poder criador dos alunos, em resposta a essa educação Freire aponta para uma educação problematizadora, libertadora.

Outra questão destacada pelo autor refere-se a importância do diálogo como meio de libertação, enfatizando que o diálogo é o contrário da manipulação e da dominação. "Na teoria da ação antidialógica, a manipulação, que serve à conquista, se impõe como condição indispensável ao ato dominador, na teoria dialógica da ação, vamos encontrar, como que oposto antagônico, a organização das massas populares" (FREIRE,1987, p.102).

A palavra é um direito de todos os seres humanos e não um privilégio de alguns, visto que é por ela que o ser humano se constitui ao dizê-la, pois, se assume conscientemente sua condição humana (FREIRE, 2011). Esse processo de se perceber enquanto presença no mundo pela palavra, viabiliza que o sujeito atribua sentido ao mundo e agindo criticamente, aprenda a dizer as palavras de seu mundo: esse é um processo contínuo de desvelar e revelar a realidade.

Diante desta ênfase à concepção defendida pela Educação Popular, a qual considera os distintos saberes nos diferentes contextos educativos, em uma perspectiva libertadora, crítica e humanizadora, é que se pondera a relevância dos trabalhos que enfatizam a palavra dos sujeitos historicamente oprimidos.

Por meio das práticas educativas populares, os sujeitos buscam sua autonomia de uma forma coletiva, partilhando seus saberes, para então, além de



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

exercer sua cidadania, as possibilidades de se enxergarem enquanto seres detentores de suas especificidades e autores da sua própria trajetória.

3 A construção de saberes por meio da Educação Informal

Ninguém escapa da educação, o ser humano está sujeito a ela todos os dias e em diferentes ambientes seja em casa, na rua, na igreja ou na escola. Nesse sentido, Brandão (2004) mostra que se vive constantemente em situações que envolvem aprendizagens, bem como destaca que não há uma única forma nem modelo, nem um único lugar onde ela possa acontecer.

Embora a concepção de educação esteja fortemente ligada ao espaço escolar, ao ponto de não ser observada em outros espaços, ela está implícita em muitas práticas cotidianas, ela integra as mais variadas práticas sociais de diferentes grupos. Até mesmo nas sociedades chamadas "primitivas" (ou pré-modernas), crianças e jovens aprendiam sobre a vida adulta por meio das relações cotidianas.

Nas sociedades em que não fora pensado um modelo de educação formal, ou escolar, a educação existe através da disseminação do saber de uma geração a outra. Neste contexto Brandão apresenta que:

As pessoas convivem uma com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e- aprende. Mesmo quando os adultos encorajam e guiam os momentos e situações de aprender de crianças e adolescentes, são raros os tempos especialmente reservados apenas para o ato de ensinar. [...] A criança vê, entende, imita e aprende com a sabedoria que existe no próprio gesto de fazer a coisa (BRANDÃO, 2004, p.18).

Assim, com a inferência, entende-se que quando as crianças observam adultos fazerem arcos e flechas, quando as mulheres ensinam as meninas a colher plantas para a confecção de cestos, a cozinhar ou a identificar a melhor argila, existe uma prática pedagógica, advinda de trocas interpessoais. De acordo com Brandão (2004) no que se refere a educação pode-se dizer que ela aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle do ensinar-e-aprender.

No entanto, o autor aponta que quando a sociedade se encontra em um estágio mais complexo, onde a questão da divisão do trabalho e poder passam a ser discutidos, as relações de ensinar e aprender passam a ser percebidas como um problema dentro de uma sociedade, é a partir daí que se começa a pensar em uma organização desse processo.



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

A relação da educação com o trabalho está intimamente ligada, pois nas sociedades pré-modernas, quando o poder que representa a ordem é dividido e surge uma hierarquia, a transmissão do saber já não se torna mais comum a todos da tribo (BRANDÃO, 2004). Assim, o saber passa a ser distribuído desigualmente, demonstrando uma divisão social do saber e dos agentes e usuários do saber. Por meio dessas divisões surgem novas categorias de ensino com saberes especializados.

A educação escolar é recente na história, tanto das sociedades primitivas, quanto das sociedades mais complexas, a educação da maneira como a conhecemos surgiu na Grécia. Para os gregos não existia nada tão perfeito quanto um homem educado, uma educação que preparava o bom cidadão, com a intenção da plena participação do homem na Pólis,. No entanto, esta educação demonstra profundamente seu aspecto dualista carregada de uma oposição que até os dias atuais se faz presente.

O ensino voltado para o "como fazer", era chamado pelos gregos de *tecne*, e era destinado aos trabalhadores manuais, já o ensino voltado às normas de vida, para que seja um homem livre e possivelmente nobre, chamado de teoria. A educação dos nobres era voltada para pensar e comandar e não para fazer ou construir.

Gohn (2008) ressalta a problemática da educação não formal e o poder da cultura na sociedade contemporânea. Um ponto importante que a autora aborda é o que diferencia a educação não-formal da educação informal, seria a intencionalidade, no caso encontrado na educação não-formal. Já a educação informal, ocorre através do processo espontâneo, como a educação familiar.

Considera-se a educação não-formal como uma área de conhecimento ainda em construção, uma vez que no Brasil, até os anos de 1980, a educação não-formal não tinha muita importância, tanto entre educadores, quanto nas políticas públicas, pois todas as atenções estavam voltadas à educação formal (GOHN, 2008). Em decorrência das mudanças na economia, a partir dos anos 90 a educação não-formal passou a se destacar, valorizando cada vez mais os processos de aprendizagens em grupos a falarem sobre uma cultura organizacional, na qual exigia o aprendizado de habilidades fora do ambiente escolar.

A educação oficial ministrada por entidades públicas ou privadas denominada de educação escolar é uma (muito importante, direito fundamental) das formas



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

de educação e não a única. No que diz respeito à educação não-formal, Gohn (2008) salienta um processo com quatro campos equivalente à sua área de abrangência. A primeira se refere à conscientização dos indivíduos acerca de seus interesses e do meio social que os cercam, ao participar de um conselho escolar, por exemplo: o indivíduo poderá desenvolver essa aprendizagem. O segundo é a capacitação do indivíduo para o trabalho. O terceiro trata-se da aprendizagem e exercício de práticas de preparar os indivíduos a se organizarem com objetivos da aprendizagem. O quarto seria aprendizagem dos conteúdos e da escolarização formal em espaços diferenciados. A autora também cita um quinto campo que seria a educação desenvolvida pela mídia.

Já a Educação informal, é aquela que o sujeito aprende por meio do seu processo de socialização: na família, no clube, no bar etc. A educação não formal é aquela que se aprende no mundo da vida onde o compartilhamento de experiências tem um papel bastante significativo. Gohn (2008) explica que o termo não-formal também é usado por alguns estudiosos como sinônimo de informal, o que ela discorda. Em consonância com a autora, Gadotti (2005) aponta que, a educação não-formal também é uma atividade educacional e sistemática, no entanto ocorre fora do sistema formal. Talvez por esse motivo seja erroneamente chamada de educação informal.

Na educação informal os agentes educadores são os pais, amigos, meios de comunicação de massa, tem seu espaço educativo demarcado por questões de religião, sexo, etnia, idade etc. Um exemplo: a casa onde mora, local onde nasceu, na igreja ou outro espaço onde se vincula a sua crença.

Assim, a educação informal acontece em ambientes onde as relações sociais acontecem segundo os gestos, preferências, pertencimentos herdados etc. Isso é diferente da ênfase e intencionalidade que há na ação da educação não formal, que é presente no ato de aprender, transmitir, ou de trocas de saberes.

4 Considerações finais

Se os homens estão em constante transformação, o movimento dialético também está presente no campo da educação, ao menos na educação que se pretende libertadora; negadora da reprodução das exclusões, dos mecanismos que apequenam os atores sociais e das injustiças perduradas historicamente. Ora, se a



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

luta exige consciência, é nela que essa consciência se constitui, viabilizando o indivíduo a vir-a-ser.

Sendo assim, a solidariedade para com os grupos oprimidos, decorre do reconhecimento de tais sujeitos enquanto seres humanos de sangue e carne, que tiveram suas falas abafadas, seus direitos tolhidos e, para além disso, essa solidariedade emerge da existência que indica mudanças desses processos opressores.

Dito isso, espera-se que o diálogo estabelecido nestas páginas possa contribuir para valorização dos saberes tradicionais das comunidades populares. A Educação Popular se trata de uma concepção que acolhe a produção de saberes e conhecimento nos espaços educativos não-formais e informais.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, C. R.; FAGUNDES, M. C. V. **Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freiriana para um sistema de educação**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 89-106, jul./set. 2016

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PALUDO, Conceição. **EDUCAÇÃO POPULAR COMO RESISTÊNCIA E EMANCIPAÇÃO HUMANA**. Cad. Cedes, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, maio-ago., 2015

PALUDO, Conceição. **Educação Popular**. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2018.

PEREIRA, Roberta Avila. **Educação Ambiental Popular e o PAIETS: compreensões sobre o horizonte formativo de um programa de extensão**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de PósGraduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2020.